

Elizabeth Ruano-Ibarra

Universidade de Brasília. Departamento de Estudos Latino Americanos. Brasil

*elizabeth@unb.br*

Júlia Araujo de Avilar Amancio

Universidade de Brasília. Instituto de Ciência Política. Brasil

*julia.amancio@aluno.unb.br*

## **PARTICIPAÇÃO-AUTORIA E COORDENAÇÃO- LIDERANÇA FEMININA NAS REUNIÕES ANUAIS DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS (ANPOCS)**

**Resumen:** *A partir de uma análise documental, mediante a consulta aos Anais Eletrônicos da ANPOCS, questionamos a autoria no debate sobre metodologia das Ciências Sociais contemporâneas e buscamos revelar a proporcionalidade da participação-autoria masculina e feminina nas reuniões anuais dessa Associação Científica nas quatro décadas de existência institucional. A perspectiva de gênero e a abordagem mista, quantitativa e qualitativa, revelaram que a autoria feminina nesses eventos foi constante porém oscilatória. A participação-autoria feminina aportou diversidade temática aos debates e foi maior em várias edições desse encontro científico, no entanto por inexpressiva diferença percentual.*

**Palabras clave:** *Gênero, androcentrismo, sexismo, patriarcado*

**Female authorship-participation and leadership-coordination in the annual meetings of National Association of Graduation and Research on Social Sciences (ANPOCS)**

**Abstract:** *Based on a documentary analysis, by consulting ANPOCS electronic recordings, we question the authorship in contemporary social sciences methodology debate and intend to reveal the proportionality of male and female participation-authorship in the annual meetings of this scientific association during four decades of its institutional existence. The gender perspective and the mixed quantitative and qualitative approach revealed that female authorship in these events was constant but oscillatory. Female participation-authorship brought thematic diversity to the debates and was greater in several editions of this scientific meeting, however by an inexpressive percentage difference.*

**Keywords:** *Gender, androcentrism, sexism, patriarchy*



## Introdução

A pesquisa que produziu os dados aqui analisados teve como ponto de partida a constatação de defasagem em referências bibliográficas de autoria feminina nos programas de ensino de Metodologia das Ciências Sociais<sup>1</sup>, fato social que sugere a influência do que Grosfoguel (2016) conceituou como sexismo epistêmico. Essa noção refere a supervalorização dos valores masculinos/brancos/ocidentais no estabelecimento dos parâmetros sobre os quais se ampara a produção científica hegemônica. Tal hierarquização dos sujeitos epistêmicos legitima a desqualificação daqueles que fogem deste eixo sectário de pensamento.

Para Isaura Queiroz (1999), “todo indivíduo encerra uma parte que é particularmente sua e uma parte que foi insuflada pelo seu meio; partes que sempre se interpenetram, mas que ora estão em harmonia, ora em oposição”. Assim, o engajamento em pesquisa social se associa, de forma profunda, a questões que atraem o interesse do sujeito de conhecimento, embora muitas vezes inconscientemente. Nosso incômodo diante das práticas sexistas no campo científico ganhou novos contornos a partir do feminicídio da estudante Louise Ribeiro nas dependências da Universidade de Brasília, em 2016. Esse crime estimulou mobilizações em diferentes frentes; a nossa voltada para promover a desnaturalização do silenciamento e injustiça epistêmica com a autoria feminina.

Neste artigo problematizamos o lugar da autoria feminina no debate metodológico das Ciências Sociais a partir da análise dos Anais das reuniões anuais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), realizadas entre 1977 e 2016. Destacamos o protagonismo legítimo de ANPOCS na institucionalização e divulgação desse campo disciplinar no Brasil (ANPOCS, s/da; Oliveira e Nicolau, 2013). Enfatizamos certo pioneirismo ao abordarmos os Anais da ANPOCS como unidade de análise para refletir sobre a metodologia da pesquisa social contemporânea.

ANPOCS é uma instituição prestigiada perante a comunidade acadêmica, devido a importância da sua missão<sup>2</sup> e solidez institucional. Também é reconhecido o impacto, periodicidade e assiduidade dos seus principais veículos de divulgação de conhecimento em ciências sociais, dentre eles os encontros anuais, os Anais, a revista<sup>3</sup>, o portal de periódicos eletrônicos e o *site*<sup>4</sup> (Madeira, 2014:39). A escolha dos Anais

<sup>1</sup> Toma-se como ponto de partida a disciplina Introdução ao Método das Ciências Sociais, obrigatória para os cursos de graduação em Ciências Sociais, Sociologia, Antropologia e Ciência Política, e optativa para outros, na Universidade de Brasília. Cabe citar os empecilhos enfrentados atentando para o chamado de Wallerstein (1996) sobre a importância da diversificação do conhecimento considerando produtores marcados por conotações de sexo, raça e etnia. A revisão bibliográfica inicial que buscou pluralizar a ementa dessa disciplina esbarrou com a dificuldade para encontrar textos metodológicos produzidos por mulheres, excetuando as contribuições da coletânea organizada por Nunes (1978).

<sup>2</sup> “Promover o ensino, a pesquisa e a divulgação de conhecimento científico nacional na área das ciências sociais, articulando a produção da comunidade acadêmica com a agenda de questões em debate no Brasil e fora dele” (ANPOCS, s/da).

<sup>3</sup> Revista brasileira de Ciências Sociais (RBCS) foi inaugurada em junho de 1986, é considerada um dos principais veículos de divulgação acadêmica do Brasil.

<sup>4</sup> <http://anpocs.com/>, recuperado em agosto de 2017.



como fonte empírica de pesquisa justifica-se pela sua gratuita disponibilidade online. Essa apropriação de redes eletrônicas para divulgar conteúdo acadêmico é relativamente recente e ganhou expressiva expansão nas últimas décadas do século 20.

Criada em 1977, a ANPOCS “reúne mais de uma centena de centros de pós-graduação e de pesquisa em antropologia, ciência política, relações internacionais e sociologia no Brasil. Diferentemente de outras associações científicas, é composta por sócios institucionais e não por pesquisadores individuais”. Entre os afiliados, “mais de 1200 professores universitários e pesquisadores, profissionais de alto nível, além de milhares de estudantes de mestrado e doutorado em centros localizados de norte a sul do país”. ANPOCS representa, lidera e apoia a consolidação institucional das ciências sociais e sua respectiva agenda de pesquisa (ANPOCS, s/da).

As Associações Científicas buscam fomentar, construir ou articular fóruns e veículos de discussão, disseminação e publicização no escopo de seu respectivo campo de conhecimento (Burawoy, 2006). Sua importância decorre delas gerarem e preservarem a história do campo científico e das profissões em questão, além de fomentarem estímulos e condições para seu desenvolvimento. São instituições com grau variado de desenvolvimento, potencial de atuação e poder sociocultural e financeiro. Habitualmente sua sobrevivência financeira é constituída pelo pagamento de filiação e anuidade das/dos associadas/associados (Witter, 2007).

Segundo Trindade (2007:100), a ANPOCS surgiu durante a período de expansão e diversificação das ciências sociais brasileiras, ocorrido entre 1965 e 1983. Para o autor, é paradoxal<sup>5</sup> que esse crescimento, concretizado na consolidação da pós-graduação e na institucionalização da pesquisa, adviesse com a ditadura militar. “A consolidação nacional dessa institucionalização ocorreu com a formação da ANPOCS [...], iniciou com uma base institucional de 16 programas nas três disciplinas [antropologia, ciência política e sociologia]”. Durante essa época, ANPOCS abriu a agenda das reuniões anuais para debater as políticas de pós-graduação. Para as ciências sociais contemporâneas, a ANPOCS

...representa uma expressiva parcela da inteligência e da intelectualidade brasileiras. Tendo a capacidade de lançar mão de um amplo conhecimento acumulado sobre as mais variadas questões locais, regionais, nacionais e internacionais a partir de pesquisas e reflexões baseadas em diferentes pontos de vista disciplinares (ANPOCS, s/da).

<sup>5</sup> “O Programa Mulher e Ciência foi lançado em 2005, a partir do trabalho realizado por um grupo interministerial composto pela Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM), Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Ministério da Educação (MEC), dentre outros participantes. Objetivos do programa: estimular a produção científica e a reflexão acerca das relações de gênero, mulheres e feminismos no País; promover a participação das mulheres no campo das ciências e carreiras acadêmicas”. Fonte: Site CNPq. Link: <http://cnpq.br/apresentacao-mulher-e-ciencia>. Recuperado em 25 de novembro de 2017.

Desde 1977 esses encontros reuniram aproximadamente duas mil pessoas, constituindo um espaço privilegiado de debate e divulgação de conhecimento entre pesquisadores nacionais e estrangeiros. A periodicidade anual dessas reuniões lhes imprime um dinamismo que visa acompanhar as trajetórias e tendências da pesquisa social (Oliveira; Nicolau, 2013). Uma função importante das Associações Científicas é a divulgação de conhecimento mediante a promoção e realização de eventos como congressos, reuniões e similares (Witter, 2007).

Os Eventos Científicos se propõem facilitar a interação mediante reunião, em um único local, de número significativo de integrantes de uma comunidade científica que anseiam por possibilidades de ampliar ou intensificar trocas sobre determinada temática. Sua ocorrência em todas as áreas do conhecimento indica que esses encontros constituem uma forma de comunicação valorizada no campo científico pelas. A apresentação de resultados de pesquisa nesses espaços pode permitir a retroalimentação ‘instantânea’ entorno de críticas, sugestões e pontos de vista, além de descobertas de pares com interesses semelhantes (Campello, 2000).

As comunicações apresentadas durante as reuniões de ANPOCS são submetidos previamente à avaliação cega, regra procedimental que denota rigor no seguimento dos critérios de cientificidade. Questionar sobre a autoria feminina nesses espaços torna-se relevante diante da relativa carência de contribuições nesse recorte temático. Segundo Betina Lima e Conceição Costa (2016: 5 e 8), “a linha de pesquisa de gênero e ciências foi destacada na quarta chamada (2012) [do Programa Mulher e Ciência] <sup>6</sup> como um tema prioritário”. As autoras destacam ainda que dita priorização temática esteve “imersa na disputa entre as prioridades institucionais de cada parceiro”. Para as autoras, esses constrangimentos em torno à criação dessa linha de fomento sugerem certo sexismo e patriarcalismo na gestão dos investimentos públicos em ciência e tecnologia no Brasil.

Para Flávia Biroli (2016), os noticiários brasileiros reproduzem estereótipos de gênero cristalizados historicamente e sub-representam a participação feminina na política. O uso de adjetivos nos discursos midiáticos torna-se eficaz para reforçar imagens estereotipadas associadas à maternidade e/ou sexualização dos seus corpos. Na trilha de Biroli frisamos que o silenciamento

<sup>6</sup> “O Programa Mulher e Ciência foi lançado em 2005, a partir do trabalho realizado por um grupo interministerial composto pela Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM), Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Ministério da Educação (MEC), dentre outros participantes. Objetivos do programa: estimular a produção científica e a reflexão acerca das relações de gênero, mulheres e feminismos no País; promover a participação das mulheres no campo das ciências e carreiras acadêmicas”. Fonte: Site CNPq. Link: <http://cnpq.br/apresentacao-mulher-e-ciencia>. Recuperado em 25 de novembro de 2017.



e/ou invisibilização agenciados midiaticamente sobre a tímida, porém existente, incursão feminina na política partidária não se restringem a esse campo. A reprodução de padrões sexistas, dentre outros dispositivos de poder, visa permanência das mulheres na esfera doméstica e sua subordinação.

A literatura desse campo de estudos constata que as mulheres têm contribuído com a consolidação das ciências sociais brasileiras (Machado, 1994; Ferreira, et. al. 2008; Citeli, 2015). Maria Isaura de Queiroz (1999) nos ensinou sobre o lugar da própria biografia como fator de inquietação e motivação na construção de problemas de pesquisa social. No início do século 20, no âmbito das mobilizações femininas em prol da inserção no mercado de trabalho empenharam-se em alcançar cargos de chefia científica e tensionaram as estruturas patriarcais (Sombrio, Lopes e Velho, 2008). Esses exemplos dão conta dos aportes femininos tanto na esfera intelectual quanto no ativismo político, ambas instâncias orientadas para ressignificar-se enquanto sujeitos epistêmicos.

Desvendar que tais disputas não são alheias à produção de conhecimento social implica evidenciar que as “relações desiguais, simbologias e estereótipos de gênero foram incorporados e reproduzidos nas práticas e instituições científicas” (Lopes e Sombrio, 2017: 2). Sob este prisma há que se desnaturalizar a ideia de que o âmbito acadêmico está imune a tais contradições e avançar na compreensão das especificidades do fenômeno e das práticas que o atualizam. Na perspectiva de Citeli (2015), é preciso romper com visões que negam a existência de atividade científica feminina e defender a marcante presença de algumas mulheres, principalmente, no período em que a Antropologia brasileira começou a se desenvolver.

Bourdieu (1997), em sua análise do campo intelectual, enfatizou que o prestígio acadêmico não se contenta no aproveitamento dos resultados de pesquisa, mas no reconhecimento pessoal de quem postula seus achados e inovações amparadas em preceitos reconhecidos e legitimados por seus pares. Apesar da distância epistêmica e política desse autor com o debate que buscamos propor aqui, sua contribuição é fundamental para destacar a produção científica enquanto arena de disputas pelo prestígio. Este último é determinante pelo seu potencial para traduzir-se

em verbas e outros recursos indispensáveis para a vitalidade da trajetória acadêmica.

No âmbito do ensino também se travam disputas acirradas. Por exemplo, a bibliografia utilizada como referência obrigatória nos programas das diferentes disciplinas se caracteriza por constituir um cânone aonde impera a ausência de paridade de gênero. Segundo Colgan (2017), habitualmente nos cursos ministrados por docentes homens a autoria masculina representa aproximadamente 79%. Nas referências utilizadas pelas professoras, costumam incluir em torno de cinco leituras de autoria feminina, contudo a autoria masculina continua alcançando 71%. Nossa pesquisa partiu da premissa de que o aceite indiscutido dessa perspectiva masculinizada da bibliografia de referência nos currículos acadêmicos implica em auto alienação.

Os dados que analisamos neste artigo se obtiveram da pesquisa que objetivou a realização de um levantamento documental, por meio de consulta aos Anais das reuniões anuais disponíveis no acervo eletrônico de ANPOCS. Neste artigo a análise se orienta pelos seguintes questionamentos: qual o lugar do debate sobre metodologia das Ciências Sociais nesse cenário? Quem são as pesquisadoras que ocuparam esses espaços promovidos pela ANPOCS nos últimos 40 anos no Brasil? Para tanto, a partir da perspectiva de gênero, busca-se evidenciar a proporcionalidade feminina e masculina de participação-autoria e de coordenação-liderança dos espaços de debate como GT, sessão especial, mesa, fórum e conferências promovidos nas reuniões anuais dessa Associação Científica.

Além desta introdução, o artigo inclui um item dedicado à reflexão metodológica e um subtítulo denominado resultados que se subdivide em duas seções. Na primeira intitulada “Participação-Autoria feminina no debate sobre metodologia das ciências sociais” oferecemos uma análise qualitativa e quantitativa que visibiliza a autoria feminina nas reuniões anuais de ANPOCS realizadas entre 1982 a 2016. Na segunda seção designada “Mulheres em funções de coordenação-liderança nos espaços de debate sobre metodologia”, buscamos refletir sobre a atribuição das funções de coordenação-liderança de GT, Sessões de GT, Mesas Redondas, Fóruns, Conferências e Sessões Especiais nas reuniões anuais promovidas por ANPOCS.



## Metodologia

A abordagem metodológica se fundamentou na análise mista, quantitativa e qualitativa, dos Anais das reuniões de ANPOCS. O material documental coletado durante o trabalho de campo foi analisado à luz da análise de conteúdo e da perspectiva de gênero na ciência, em particular dialogamos com Dolores Sánchez (1999), Consuelo Miqueo (2003), Tania Santos (2010), Dorothy Smith (2012) e Maria Teresa Citeli (2015). Essas estudiosas destacaram as significativas contribuições das mulheres à ciência e mostraram que na atualidade, a autoria feminina alcançou percentagens semelhantes com a masculina.

A construção do problema de pesquisa iniciou a partir da reflexão sobre as vantagens analíticas de tornar a ANPOCS objeto passível de ser investigado academicamente. Decidimos por uma pesquisa bibliográfica da palavra ANPOCS no catálogo de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)<sup>7</sup>, no recorte temporal 2011-2015, objetivando privilegiar pesquisas recentes. Essa busca reportou três pesquisas de mestrado (Sousa, 2012; Trotman, 2012; Madeira, 2014) e uma de doutorado (Oliveira, 2011). Somente Sousa (2012:73) tratou sobre ANPOCS como opção metodológica, dado o seu caráter de “fórum relevante das Ciências Sociais no Brasil”. A partir dessa constatação, embora tímida, se infere a escassa reflexão sobre essa organização e, simultaneamente, se justificou o desenvolvimento do estudo pretendido<sup>8</sup>.

A pesquisa privilegiou a análise documental como principal instrumento metodológico de captura de informações. O escopo dessa coleta foi constituído pelos Anais das reuniões anuais de ANPOCS disponíveis em internet, documentos autênticos e confiáveis que conferem maior grau de cientificidade à investigação. A periodicidade anual dessas reuniões e dos Anais incidiu no recorte empírico: 39 reuniões realizadas entre 1977 a 2016. O ano de início remete para a realização do primeiro encontro promovido por ANPOCS.

Uma das primeiras constatações na imersão inicial nesse material, entre março e abril de 2018, revelou a indisponibilidade online dos Anais de dez anos: 1982; 1984; 1985; 1999; 2006; 2008; 2009; 2010; 2011 e 2013. Se ponderou que a carência desses documentos poderia implicar na perda de conteúdo valioso à pesquisa. Contudo, a validade

<sup>7</sup> <http://bancodeteses.capes.gov.br/>

<sup>8</sup> ANPOCS realizou análises sobre suas reuniões “com maior detalhe desde 2007” (ANPOCS, s/db). Em contraste, nossa pesquisa delimitou um período amplo e em perspectiva comparada.

dos resultados se sustenta na consulta a 29 anais, dentro de um universo de 39. Outra questão a salientar é que os Anais faltantes estão distribuídos quase que simetricamente entre as quase quatro décadas analisadas. Ou seja, a partir dos documentos disponíveis é viável a construção de inferências panorâmicas sobre os debates de cada década em questão.

Adicionalmente, a análise qualitativa permitiu avaliar que essas reuniões adotaram uma agenda que não sofreu alterações radicais no curto prazo, de ano para ano. Esses encontros anuais objetivam contribuir para a formação qualificada e para o aprimoramento dos debates em torno da “agenda pública e acadêmica em suas dimensões econômica, política e sociocultural” nas diferentes regiões brasileiras. Nessas reuniões, “a apresentação de pesquisas [e] o intenso debate”, abrem espaços para que o conhecimento científico busque respostas para os desafios interpostos “considerando a pluralidade dos atores e segmentos sociais” dentro e fora das fronteiras nacionais (ANPOCS, s/da).

Na análise de conteúdo adotou o critério de afinilamento temático mediante a priorização dos Grupos de Trabalho (GT) que abordaram a discussão sobre metodologia em ciências sociais como eixo principal. A adoção da categoria GT esteve orientada pela sua natureza inclusiva, pressuposto que poderia desdobrar-se em uma maior diversidade temática e de participantes. A escolha dos GT, pela organização das reuniões de ANPOCS, obedece a processos seletivos mediante edital, aqueles selecionados podem se apresentar por dois anos consecutivos.

No período em análise, entre 1977 e 2016, foram realizados um total de 197 GT, entre os quais há aqueles com caráter relativamente estável e outros transitórios. O primeiro caso pode ser exemplificado a partir do GT denominado Educação e Sociedade, realizado em 13 edições: 1982, 1989, 1991, 1992, 1994, 1996, 1998, 2000, 2002, 2003, 2005, 2006, 2008, 2009, 2011 e 2012. Em contrapartida, o GT intitulado Economia e Política teve apenas uma edição, no ano de 1988. O GT específico sobre metodologia das ciências sociais também se enquadra como transitório, realizado em 1982 e 1986.

Diante desse resultado, optou-se por ampliar o recorte da pesquisa documental. Para tanto, a busca passou a analisar também os títulos das comunicações e das diversas atividades - GT, Mesas de Debate, Fóruns, Conferências,



Seminários, Sessões Especiais e Simpósios- realizadas no período entre 1990 e 2016. Verificou-se quais desses títulos continham as palavras chave “método” ou “metodologia”. Posteriormente, dentro daqueles que se encaixaram na delimitação citada, se verificou aqueles de autoria feminina. Houve a necessidade de incluir na revisão as ementas das diversas atividades, pois a procura nos títulos dos Anais a partir do ano de 2007 não reportou resultados. Diante da constatação de ausência de trabalhos cujo título reporta-se à presença das palavras chaves priorizadas, optamos por incluir as ementas das diversas atividades em dita revisão documental.

A fim de sistematizar os dados empíricos coletados, foi construída uma matriz Excel a qual incorporou as seguintes categorias de análise: a) temporal – ano pesquisado-; b) tipologia do espaço – GT, Sessão Especial, Mesa Redonda, Fórum e Conferência-; c) vínculo institucional da(o) autora, d) gênero da(o) autora inferido a partir do nome do participante; e) temática do manuscrito apresentado - título do trabalho publicado e f) gênero do/da coordenador (a) dos diferentes espaços seja GT, Sessão Especial, Mesa, Fórum ou Conferência.

Lançar um olhar atento à autoria e participação feminina em espaços de prestígio acadêmico, como as reuniões de ANPOCS, implica endossar a luta das cientistas sociais por equidade e posicionar-se politicamente diante das assimetrias do campo acadêmico. Haraway (1995) pondera sobre a necessidade de compreender o objeto de pesquisa não apenas como um ente passivo, mas no dinamismo das diversas facetas, ora como substrato, ora como agente. Essa tomada consciente de uma posição na pesquisa social é, no entanto, iluminada pelo conjunto de conhecimentos científicos e amparada por aqueles oriundos da experiência individual e particular (Queiroz, 1999).

A última fase da análise de conteúdo consistiu em estudar a produção declarada na Plataforma Lattes<sup>9</sup> pelas autoras que participaram assiduamente nas reuniões anuais de ANPOCS. Essa análise consistiu em buscar as palavras chaves metodologia, métodos, metodológica e metodológico em cada currículo. A busca por essas informações ganha destaque dado que a nossa pesquisa surgiu da necessidade pragmática e político-pedagógica

<sup>9</sup> “A Plataforma Lattes representa a experiência do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) na integração de bases de dados de Currículos, de Grupos de pesquisa e de Instituições em um único Sistema de Informações”. Fonte: [lattes.cnpq.br](http://lattes.cnpq.br) Acesso em 26/08/2018 às 13:21

de incluir a autoria feminina nas referências bibliográficas do programa de ensino da disciplina de Metodologia das Ciências Sociais. Tal diversificação da autoria no âmbito de um referencial notadamente masculino é importante porque segundo Verônica Toste e Maria Candido (2016) ignorar as realizações das mulheres cientistas produz impactos subjetivos nas futuras cientistas sociais. Tal compreensão não se limita ao contexto brasileiro, pesquisas internacionais fornecem evidências de que a desvalorização da autoria feminina nos currículos acadêmicos se desdobra em baixo reconhecimento, menores recompensas na trajetória profissional e perda de produtividade acadêmica. De acordo com Machado (1994), não se trata de um problema das mulheres, é um fenômeno que impacta negativamente ao campo intelectual como um todo.

## Resultados

Nesta seção contrastamos analiticamente os dados sobre a participação feminina tanto na autoria das comunicações apresentadas quanto nas funções de coordenação nas diferentes instâncias das reuniões anuais da ANPOCS. Analisar em chave de gênero implica estranhar rotinas e práticas do campo intelectual, de certo modo, naturalizadas por nós. Por exemplo, não raro, as cientistas sociais se ressentem da ausência de serviços de cuidado de crianças e de infraestrutura, como fraldários ou banheiros familiares nos eventos científicos. Essas carências revelam inequidades de gênero que operam como empecilhos intransponíveis para quem precisa ‘conciliar’ percurso acadêmico e vida familiar.

Bourdieu (1997), embora seu escopo de reflexão tenha ficado distante do debate sobre gênero, alertou para a relevância do reconhecimento dos pares na consolidação do prestígio acadêmico. Essa consideração revela a dimensão política e relacional da atividade intelectual complementada, é claro, pelo caráter formal ou teórico-metodológico. Nesse sentido, justifica-se a comparação da distribuição por gênero da autoria e a ocupação da função de coordenação de GT, mesas de debate, fóruns, conferências e/ou sessões especiais voltadas para a reflexão sobre a metodologia das ciências sociais brasileiras.



## Participação-Autoria feminina no debate sobre metodologia das Ciências Sociais

Neste subtítulo, o intuito é visibilizar a autoria feminina nos debates sobre Metodologia nas reuniões anuais de ANPOCS. A análise revelou a realização de três GT específicos sobre Metodologia das Ciências Sociais<sup>10</sup>, nos anos de 1982, 1986 e 1989<sup>11</sup>. Esses GT receberam 22 comunicações, de autoria de 23 pessoas, as reuniões anuais dos dois primeiros anos receberam nove e dez, respectivamente, e o terceiro ano três (Quadro 1). Foram diversas as temáticas das comunicações apresentadas e as instituições de origem das autoras e autores, somente informaremos o vínculo institucional respectivo quando reportado nos Anais em estudo.

<sup>10</sup> O livro de ANPOCS (2016) informa que entre 1982 e 1986 houve um total de cinco GT discutindo essa temática, porém somente tivemos acesso aos dados de três GT.

<sup>11</sup> Cabe destacar que a década de 1980 demarcou a consolidação da ANPOCS, criada em 1977. Esse período também é conhecido pela redemocratização, fenômeno que impactou significativamente a agenda das ciências sociais brasileiras

**Quadro 1. GT específicos sobre metodologia das ciências sociais: 1982, 1986 e 1989**

|   | <b>Autoria</b>            | <b>Trabalho</b>   |
|---|---------------------------|---|
| <b>1982<br/>Nelson do Valle e Silva</b> | Marcus Figueiredo (IDESP) | Modelos de equações estruturais.  |
|   | Cesar Marcelo Baquero     | Participação política no equador: um modelo causal.   |
|   | Nelson do Valle e Silva   | Modelos log-lineares para análise de tabelas de contingência.                                 |
|   | Luís Torres Melo          | Análise de séries históricas - algumas técnicas recentes.                                     |
|   | Plínio Dentzien           | Dimensões de avaliação política do eleitorado, uma análise quantitativa das eleições de 1978. |
|   | Amaury de Souza           | Pesquisas eleitorais.   |
|   | Maria Helena Henriques    | Técnicas indiretas de mensuração em pesquisas demográficas.                                   |
|   | Edmundo Campos Coelho     | Aumentando a resposta em "Surveys".   |
|   | Hélio Lima Magalhães      | A microinformática e a pesquisa social.   |

|  |   |  |
|--|---|--|
| <b>1986</b><br><b>Marcus Faria Figueiredo</b>  | Márcia Bandeira (IBGE) Nelson Silva (Lee/CNPq)            | Pós-Graduação na UFRJ e Museu Nacional   |
|  | Geraldo Magalhães (UFMG)                                  | Pós-Graduação na UFMG.   |
|  | Clarissa Baeta Neves (UFRGS)                              | Pós-Graduação na UFSCar e UFRGS: um estudo comparado.  |
|  | Roberto Mota (UFPE)                                       | Pós-Graduação na UFPE.   |
|  | Célia Braga (UFBA)  | Ensino de metodologia numa perspectiva comparada.  |
|  | Teófilos Rifiotis (UFPB)                                  | Pós-Graduação na UFPB.   |
|  | Marcus Figueiredo (IDESP)                                 | O ensino de metodologia nos programas de pós-graduação em ciências sociais: uma visão comparada e crítica. |
|  | Marcelo Baquero (UFRGS)                                   | Construção de teoria e análise de survey.  |
|  | Elizabeth Balbechewsky (IDESP)<br>Judith Muzinsky (IDESP) | Surveys eleitorais (1974-1982): nível de comparabilidade dos questionários.                                |
|  | Tereza Haguette (NUDOC/UFCE)                              | Reflexões sobre o racionalismo e o empirismo: uma perspectiva qualitativa.                                 |
| <b>1989</b><br><b>Zélia de Brito Fabri Demartini (Fundação Carlos Chagas/ UNICAMP)</b> | Maria Célia de Moraes (UFF)                               | O objeto da História e sua dupla problemática: ontológica e metodológica.                                  |
|  | Tânia Dauster (PUC-RJ)                                    | Relativização e educação - Usos da antropologia na educação.   |
|  | Tânia Dauster (PUC-RJ)                                    | Deficiência, estigma, escola - um estudo qualitativo.  |

O Quadro 1 mostra que a autoria feminina nas três edições desse GT esteve representada pela participação de dez mulheres, entre um total de 23 participantes-autores. Houve apenas um autor que participou em duas edições, em 1982 e 1986, situação que indica a significativa rotatividade na participação-autoria – o termo busca referir a especificidade dessa modalidade de participação dentre as várias possibilidades seja como assistente, convidada/o, representação institucional, observador/a. A desagregação dos dados permite observar que em 1982 houve apenas um trabalho de autoria feminina, seis e três em 1986 e 1989, respectivamente. Essa distribuição



da autoria feminina representou aproximadamente 40% do total de comunicações que trataram especificamente sobre a temática Metodologia das Ciências Sociais.

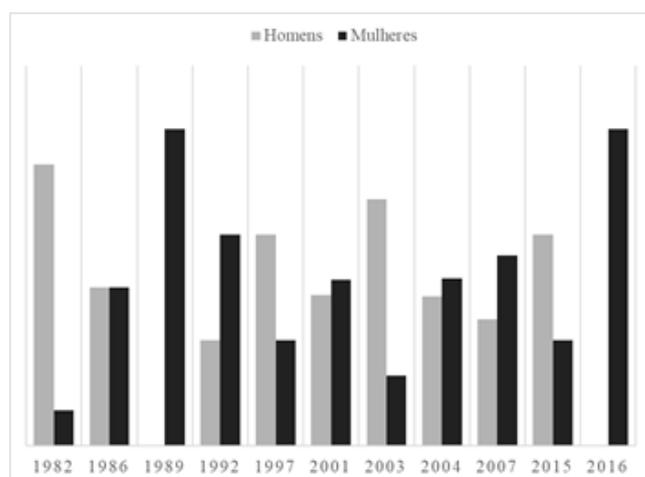
A última edição desse GT realizada em 1989 esteve marcada pelo caráter feminino, tanto na coordenação quanto na autoria das comunicações apresentadas, em que pese o menor número. A função de coordenação desse GT em 1982 e 1986, foi exercida por homens majoritariamente, em duas de três oportunidades. Esses indicadores quantitativos sobre a autoria feminina poderiam ser entendidos como pouco significativos. No entanto, tornam-se relevantes qualitativamente, pois conforme alertam os títulos das comunicações apresentadas – última coluna do quadro 1 – essas contribuições femininas aportaram riqueza temática e constituíram-se enquanto diferenciais nos debates de cada edição desse GT. Por limitações de espaço não abordaremos as diferenças entre as temáticas de pesquisa apresentadas por mulheres e homens. Não entanto, cabe aventar provisoriamente a tendência para reproduzir na pesquisa social os “papeis sociais” da divisão sexual do trabalho.

Ao ampliarmos o escopo empírico de pesquisa a partir da procura das palavras chave “método” e “metodologia” em todos os títulos das comunicações apresentadas – em GT, mesas de debate, fóruns, conferências, seminários, sessões especiais e simpósios – realizados no período em estudo constatamos a tendência observada nos GT específicos sobre essa temática. Essa busca revelou 67 comunicações das quais 33 de autoria feminina, que representam 49,2% do total. Esse indicador quando comparado com 40% alcançado durante as três edições do GT específico aponta a constante presença da autoria feminina no debate sobre metodologia nas reuniões de ANPOCS.

No gráfico 1 apresentamos uma análise comparativa da participação-autoria masculina e feminina nesse universo de 67 comunicações. Um primeiro dado resultante desse contraste informa que nas reuniões de 1992, 2001, 2004 e 2007 a participação-autoria feminina foi maior, embora por inexpressiva diferença percentual nos anos 2001 e 2004, respectivamente 52% e 53%, e nas reuniões restantes 67% e 60%. No ano de 2016, a participação-autoria feminina foi equivalente a 100%.

A participação-autoria feminina foi menor em 1997 e 2015 quando alcançou 33% e no ano de 2003 representou somente 22% do total. De modo semelhante ao recorte analítico anterior em que focamos os GT específicos, a participação-autoria feminina se manteve constante, porém sua representatividade mostrou-se pendular.

**Gráfico 1. Participação masculina e feminina no debate sobre metodologia: encontros da ANPOCS 1977 a 2016**



A análise pormenorizada da autoria feminina nos anos 90 mostrou os nomes inéditos de três mulheres no âmbito das reuniões anuais de ANPOCS. O GT intitulado Educação e Sociedade, realizado em 1992, incluiu uma sessão voltada à análise de abordagens metodológicas. As autoras Maria Célia de Moraes (UFF) e Fernanda Sobral (UnB) apresentaram comunicações. Em 1997, foi realizada uma mesa redonda, intitulada “Ciências Sociais: desafios teóricos-metodológicos no final do século XX”, composta por quatro cientistas, apenas uma mulher, Elizabeth Jelin do Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET), agência de fomento da Argentina.

Em 2001, houve a realização de uma conferência, com a participação de Alice Rangel de Paiva Abrel (CNPq) e uma mesa redonda que contou com a participação exclusiva de seis homens. Nesse ano também se realizou o Seminário Temático intitulado “A antropologia e seus métodos: o arquivo, o campo, os problemas” que reuniu 6 comunicações de autoria feminina, sendo as autoras Cecília McCallum (UFBA), Christiane de Alencar Chaves (UFPR), Denise Pirani (UNICAMP), Fabíola Rohden (UERJ), Fernanda Arêas Peixoto (UNESP/Araraquara), Tânia Stolze Lima (UFF), conforme o quadro 3.



**Quadro 2. Autoria feminina no seminário temático “antropologia e seus métodos: o arquivo, o campo, os problemas” do ano 2001**

| Coordenação                    | Autora                                    | Título   |
|--------------------------------|---|--|
| <b>Márcio Goldman (UFRJ) e</b> | Cecília McCallum (UFBA)                   | O saber antropológico e a totalidade nos fatos sociais.        |
|                                | Emerson Alessandro Giumbelli (UFF)        | Pesquisando o MST: dilemas inquietantes, desafios promissores. |
|                                | Denise Pirani (UNICAMP)                   | Do campo ao texto, do objeto ao sujeito.                       |
|                                | Fabiola Rohden (UERJ)                     | Antropologia, história e gênero.                               |
|                                | Fernanda Arêas Peixoto (UNESP/Araraquara) | O diálogo como forma.  |
|                                | Tânia Stolze Lima (UFF)                   | Os males da floresta.  |

**Quadro 3. Autoria feminina no debate metodológico da reunião anual de ANPOCS do ano 2001**

| Autora                                       | Título   |
|--|--|
| Danielle Cireno Fernandes (UFPE)             | Raça, origem socioeconômica e desigualdade educacional no Brasil: uma análise longitudinal.  |
| Elisa Lustosa Caillaux (UCAM, IBGE)          | Mobilidade ocupacional e gênero: uma análise com dados da pesquisa de padrões de vida.   |
| Letícia Junqueira Marteleto (Michigan Univ.) | A transição demográfica e a transmissão intergeracional de educação: uso de análise de coortes.  |
| Maria Celi Scalón (IUPERJ)                   | Métodos quantitativos para a análise de processos de estratificação e mobilidade na sociedade brasileira.  |
| Neuma Aguiar (UFMG)                          | Uma análise da importância dos métodos quantitativos nas ciências sociais no Brasil nos últimos quarenta anos - com particular atenção aos estudos de estratificação e mobilidade. |

Nesse ano também se reportou o seminário temático “A contribuição dos métodos quantitativos para a análise de processos de estratificação e mobilidade social no Brasil”, coordenado por Neuma Aguiar e Archibald Haller, ambos lotados na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Esse seminário reuniu dez comunicações, metade de autoria feminina: Danielle Cireno Fernandes (UFPE), Elisa Lustosa Caillaux (UCAM, IBGE), Letícia Junqueira Marteleto

(Michigan Univ.), Maria Celi Scalon (IUPERJ) e Neuma Aguiar.

A participação de Neuma Aguiar merece destaque em atenção ao nosso argumento inicial sobre a supremacia da autoria masculina na bibliografia que ampara o debate sobre metodologia na pesquisa social brasileira. Além de coordenar o seminário, apresentou uma comunicação cujo tema remete a sua publicação “Conjugação de técnicas”, atualmente consolidada como referência clássica no debate metodológico brasileiro. Essa contribuição compõe a coletânea clássica intitulada “Aventura sociológica”, que versa sobre a importância da metodologia na elaboração de conhecimento sociológico no Brasil. Nessa obra, organizada por Edson Nunes (1999), entre um total de 14 autores, além de Aguiar, foram incluídas Tânia Salem e Aspásia Alcântara Camargo, ambas lotadas na época no IUPERJ. Isto é, a autoria feminina representou somente 21% no conjunto de autores da coletânea.

Em 2003, a pesquisa reportou a realização da sessão especial denominada “o problema epistemológico das Metodologias informacionais” que teve quatro expositores, dentre elas duas mulheres: Maria Celi Scalon (IUPERJ) e Tamara Benakouche (UFSC). Em 2004, foi realizado o seminário temático titulado “A constituição de fronteiras nas Ciências Sociais: tensão e extensão no campo metodológico”, coordenado por três homens e uma mulher, Maria Suely Kofes (UNICAMP). Esse seminário recebeu 12 comunicações, quatro de autoria feminina que representaram 33% do total, conforme o quadro 4.

**Quadro 4. Autoria feminina no debate metodológico na reunião anual de ANPOCS do ano 2004**

| <b>Autora</b>                   | <b>Título</b>  |
|---------------------------------|--|
| Ana Maria de Niemeyer (UNICAMP) | Preconceito, discriminação e racismo na escola pública paulistana: desafios teóricos, metodológicos e éticos de um projeto de pesquisa e interferência no processo de ensino e aprendizagem. |
| Lea Carvalho Rodrigues (UFC)    | Trocas teóricas e metodológicas entre antropologia e aociologia sobre a temática do trabalho.  |
| Maria Stela Grossi Porto (UNB)  | Crenças, valores, e representações sociais.  |
| Suely Kofes (UNICAMP)           | Objeto (in)definido e/ou a (in)definição do entre: desde uma pesquisa sobre a maçonaria contemporânea.   |



No ano 2007, a Sessão Especial intitulada “Metodologia quantitativa e qualitativa da vitimização”, no âmbito do GT “Vitimização: riscos objetivos e percepções do risco”, recebeu quatro comunicações das quais três de autoria feminina, como mostra o seguinte quadro.

**Quadro 5. Autoria feminina no debate metodológico da reunião anual de ANPOCS de 2007**

| <b>Autora</b>                    | <b>Título</b>  |
|----------------------------------|--|
| Andrea Soares Pinto (USP)        | Desenvolvimento de metodologia de pesquisa e aplicação de pesquisa de vitimização                    |
| Corinne Davis Rodrigues (UFMG)   | Vitimização criminal: uma revisão comparada de métodos e teorias nos Estados Unidos e América Latina |
| Keli Rodrigues de Andrade (UFMG) | Sobre a violência doméstica conjugal: uma análise longitudinal a partir de survey de vitimização     |

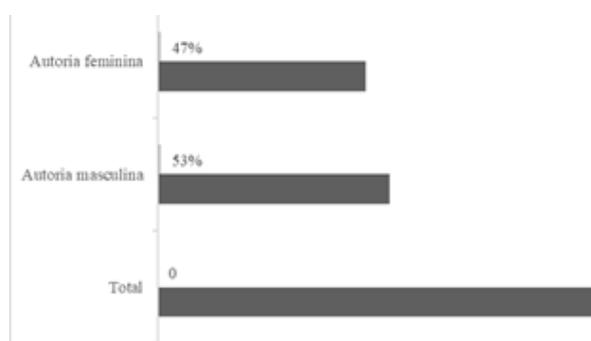
As ementas de três GT, realizados em 2015, uma mesa redonda e uma sessão de pôsteres, ocorridas em 2016, incluíram as palavras chave “metodológica” e “metodológico” conforme o seguinte quadro. Se constatou que em ambas reuniões, 2015 e 2016, a discussão metodológica apareceu atrelada a temas relevantes do Pensamento Social Brasileiro contemporâneo. Essa inferência se amparou especialmente na análise do conteúdo apresentado nas colunas “Modalidade” e “Trecho da Ementa” do Quadro 6.

A análise documental dos Anais das reuniões anuais da ANPOCS constatou a discrepância entre a participação-autoria das mulheres e dos homens. Quando analisada em valores parciais – Gráfico 1 e Quadros 1 a 7 –, se verificou certa sub-representação da participação-autoria feminina. Contudo, em decorrência dessa participação-autoria ter sido maior em 1992, 2001, 2004 e 2007 e exclusivamente feminina nos anos de 1989 e 2016, especificamente em espaços temáticos com claros marcadores de gênero, a média final ficou razoavelmente equilibrada, como mostra o gráfico 2.

### Quadro 6. Metodologia das ciências sociais enquanto debate transversal

| Ano  | Modalidade   | Coordenação   | Trecho da ementa  |
|------|--|---|---|
| 2015 | GT Novas configurações do ensino superior na sociedade contemporânea.                          | Carlos Benedito Martin (UnB), Clarissa Eckert Baeta Neves (UFRGS) | “(…) propõem também tratar os desafios teórico-metodológicos decorrentes dessas mudanças para as ciências sociais no Brasil (…)”.   |
|      | GT Pensamento social no Brasil   | Antônio Herculano Lopes (FCRB), Gabriela Nunes Ferreira (UNIFESP) | “(…) discute (também) as perspectivas metodológicas, estilos e instrumentos de análise dessa área de pesquisa(…)”.  |
|      | GT Teoria social no limite: novas frentes/fronteiras na teoria social contemporânea            | Carlos Eduardo Sell (UFSC), Emil A. Sobottka (PUCRS)              | “(…) O primeiro eixo, de cunho normativo, contemplará o debate de temas epistemológicos, metodológicos, ontológicos e axiológicos(…)”.  |
| 2016 | Mesa Redonda: Estudos sobre família e trabalho em contextos desiguais: desafios metodológicos. | Felícia Silva Picanço (UFRJ)                                      | “(…) nesse cenário, no entanto, o enfrentamento das questões metodológicas tem ficado mais à margem (…). A mesa tem como objetivo trazer a discussão sobre categorias analíticas e sua operacionalização metodológica na prática da pesquisa disciplinar e multidisciplinar”. |
|      | Simpósio: Rumos contemporâneos da sociologia brasileira  | Sergio Miceli (USP), Carlos Benedito Martins (UnB)                | “(…) os textos de base deverão encetar uma caracterização adensada da sociologia brasileira recente, ressaltando perfis teóricos, metodológicos e empíricos”.   |

### Gráfico 2. Autoria feminina e masculina nos debates sobre metodologia em ciências sociais: 1977 a 2016.



Dos debates sobre metodologia em Ciências Sociais nas reuniões anuais de ANPOCS, no período entre 1982 a 2016, participaram 90 pessoas, sendo 42 (47%) mulheres e 48 (53%) homens. Vale reiterar que cada participante-



autora foi contabilizada apenas uma vez, mesmo tendo atendido a mais de uma reunião anual de ANPOCS. Para além desses dados quantitativos, que contribuem para mensurar a proporcionalidade da participação-autoria feminina em menor porcentagem quando comparada com a masculina, consideramos importante citar inferências iniciais suscitadas da leitura dos títulos das comunicações apresentadas nessas reuniões em questão.

Esses títulos, reunidos nos quadros 2 a 5 citados nas páginas anteriores, indicam a predominância de cinco temas de pesquisa: educação, gênero, mobilidade social, movimentos sociais rurais e violência doméstica e conjugal. Cabe questionar se esse enquadramento temático da participação-autoria feminina nas reuniões anuais de ANPOCS seria sintomático da “feminização” de certas agendas dentro do campo intelectual. Nesse sentido, pesquisas futuras poderiam indagar pelas conexões entre de um lado, o interesse feminino por fenômenos catalogados como da esfera privada, p.e. violência doméstica e conjugal da qual somos as principais vítimas, e de outro, a autoria masculina no âmbito de dramas sociais que os enquadram como vitimários.

De outro lado, a sub-representação tanto da autoria feminina quando de outro tipo de contribuições das mulheres à ciência é contraproducente para o campo intelectual e não somente porque reforça os estereótipos sobre a incapacidade feminina enquanto sujeito epistêmico. Pesquisas recentes (Ferreira, et. al., 2008; Citeli, 2015; Ribeiro, et. al, 2017 e Elsevier, 2017) mostraram que, na atualidade, a produtividade intelectual masculina e feminina alcançou percentagens semelhantes. Os indicadores de produtividade acadêmica brasileira mostraram que nas décadas de 1995 a 2015, a proporção de artigos científicos publicados por mulheres e homens brasileiros foi de 50% para cada grupo. Esse indicador representa um crescimento considerável, já que entre 1996 e 2000, somente 38% dos artigos publicados foram de autoria feminina (Elsevier, 2017).

Sobre os desdobramentos dessas comunicações de autoria feminina nas reuniões anuais de ANPOCS, indagamos se foram publicadas em revistas indexadas. Segundo Citeli et. al. (2015:70), as mulheres cientistas não estão completamente dentro, “mas frequentemente em

algum ponto perto das margens” no campo intelectual. Refere-se a desvalorização da autoria feminina e sua sub-representação na priorização da bibliografia que compõe os currículos acadêmicos. A análise dos Currículos Lattes das pesquisadoras que participaram dessas reuniões indicou que uma tímida porcentagem dessas comunicações foi publicada na forma de artigos científicos, exemplificamos essa questão a partir dos Currículos Lattes de Denise Pirani e de Clarissa Eckert Baeta Neves.

A comunicação de autoria de Denise Pirani apresentada na reunião de ANPOCS de 1999 foi publicada em 2001 na revista *Cadernos de Ciências Sociais de Belo Horizonte*, usando título similar ao citado nos Anais em estudo, “Do campo ao texto, do objeto ao sujeito”. Por sua vez, o currículo de Clarissa Eckert Baeta Neves revela seu envolvimento com a temática metodológica desde 1986, quando participou da reunião de ANPOCS com a comunicação intitulada “Pós-Graduação na UFSCar e UFRGS: um estudo comparado”.

Na área de atuação profissional desse currículo, Clarissa Neves declarou que em 1999, 2000 e 2003 ministrou a disciplina “Metodologia de Pesquisa Avançada”. Na produção bibliográfica registrou as seguintes publicações: i) apresentação do dossiê titulado “metodologias de pesquisa”, publicado pela revista *cadernos de sociologia* em 1991; ii) apresentação do livro “Pesquisa social e empírica: métodos e técnicas”, publicado pela editora da UFRGS em 1998, e iii) apresentação da coletânea “Métodos de pesquisa social e indicadores sociais”, publicada também pela editora da UFRGS, em 2002. Assim, inferimos que a comunicação apresentada na reunião anual de ANPOCS, em 1986, não se tornou produção científica publicada.

As comunicações que integram os Anais dos eventos promovidos por Associações Científicas habitualmente se catalogam como “literatura cinzenta”, expressão que refere, dentre outros aspectos, a observância de apenas alguns critérios de cientificidade conforme analisado por Dinah Población, Daisy Noronha e Emilia Currás (1996). De outro lado, essa hierarquização da produção acadêmica permite abrir a reflexão para os impactos diferenciados provocados pelo produtivismo acadêmico (Kuhlmann, 2015) nas trajetórias acadêmicas femininas. Segundo



Jeorgina Gentil Rodrigues, Eugenia Zandoná e Moema Castro Guedes (2018), essas pressões institucionais afetam distintamente as mulheres porque somos compelidas a “harmonizar” a “dupla jornada” formada por crescentes exigências profissionais, pela maternidade e pelas demandas por cuidados de nossos núcleos familiares/afetivos.

Cabe lembrar que a relevância da reflexão metodológica diz respeito à vigilância epistemológica e à urgente problematização sobre os limites do conhecimento científico (Demo, 1995). A análise documental dos Anais das reuniões anuais de ANPOCS mostrou a ocorrência de GT específicos sobre a temática na década de 1980 e o decréscimo relativo no número de comunicações sobre o assunto na década seguinte. Nas décadas recentes, o debate metodológico ocorreu transversalmente na interfase entre teorias e instrumentos de coleta e julgamento de dados empíricos, demarcado em algumas temáticas.

Ao debate, Maria Immaculata Lopes (2004) contribui ao afirmar que a reflexão metodológica não se faz em abstrato, como tampouco se dissociam os métodos das investigações que os fundaram. Assim, a importância da Metodologia nas Ciências Sociais na atualidade diz respeito ao estímulo de atitude crítica diante das operações realizadas na pesquisa acadêmica. Como sabemos, esses processos são atravessados por forças, internas e externas, ao campo intelectual desdobrando-se na acuidade do nosso ofício.

### **Mulheres em funções de coordenação-liderança nos espaços de debate sobre metodologia**

Concordando que, no campo intelectual, a disputa por capital científico alcança as associações científicas que promovem encontros, debates e a circulação de conhecimentos (Bourdieu, 1976), buscamos evidenciar a assimetria de oportunidades e o sexismo na atribuição das funções de coordenação-liderança de GT, Sessões de GT, Mesas Redondas, Fóruns, Conferências e Sessões Especiais no âmbito das reuniões anuais promovidas por ANPOCS. A estratégia analítica consistiu em identificar a totalidade de instâncias que demandaram a função de

coordenação para seguidamente contrastar o número de funções-cargos ocupados por mulheres e por homens. Esse questionamento surgiu atrelado à constatação da hegemonia masculina na participação-autoria das comunicações apresentadas, vide gráfico 1.

Salienta-se que os GT configuram uma das instâncias com maior prestígio nos Eventos Acadêmicos, isso porque as rotinas de avaliação das propostas selecionadas se sustentam em critérios de pertinência e relevância tanto temática quanto de competência das(os) proponentes. Complementarmente, pressupõe capacidade de articulação e engajamento de uma comunidade temática, relativamente coesa, disposta a submeter comunicações para dinamizar o GT. Por isso, não deve passar despercebido o fato de a coordenação-liderança feminina de GT nas reuniões de ANPOCS, nos poucos casos identificados, ter sido “compartilhada” com homens.

A nomeação “função de coordenação-liderança”, do mesmo modo que o termo participação-autoria adotado no item anterior, busca destaca a especificidade dessa forma de participação nos Eventos Científicos. Destacamos que as diferentes possibilidades de envolvimento – assistente, convidada/o, representante institucional, observador/a, participação-autoria, coordenação-liderança, dentre outras – representam algum grau de prestígio acadêmico que, habitualmente é certificado pela Associação Científica anfitriã. A depender do prestígio poderão ser usufruídas simultaneamente diferentes modalidades de participação nesses eventos.

Identificamos 17 instâncias, dedicadas ao debate sobre metodologia, que exigiram a função de coordenação, totalizando 24 pessoas exercendo-a, já que em alguns casos houve mais de uma pessoa envolvida. O quadro 7 apresenta a síntese dos dados sobre o desempenho feminino na função de coordenação-liderança, um total de sete mulheres, equivalente a 29% da totalidade de pessoas envolvidas nessas atividades específicas. Apesar da diversidade das atividades coordenadas por mulheres – quatro GT, dois Seminários Temáticos e uma Mesa Redonda – se constata a supremacia masculina, equivalente a 71%.



**Quadro 7. Funções de coordenação ocupadas por mulheres: 1977-2016.**

| Ano  | Nome                  | Modalidade         | Título da atividade  |
|------|-----------------------|--------------------|--|
| 1989 | Zélia Brito Demartini |                    | Educação e Sociedade. 3ª Sessão: questões metodológicas.   |
| 1992 | Arabela Ollven        |                    | Educação e Sociedade. 1ª Sessão: questões teórico-metodológicas sobre educação e sociedade. A contribuição das Ciências Sociais. |
| 2001 | Neuma Aguiar          | Seminário temático | A contribuição dos métodos quantitativos para a análise de processos de estratificação e mobilidade social no Brasil.            |
| 2004 | Maria Suely Kofes     |                    | A constituição de fronteiras nas ciências sociais: tensão e extensão no campo metodológico.                                      |
| 2015 | Clarissa Baeta Neves  | Grupo de trabalho  | Novas configurações do ensino superior na sociedade contemporânea.   |
|      | Gabriela Ferreira     |                    | Pensamento social no Brasil.   |
| 2016 | Felícia Silva Picanço | Mesa redonda       | Estudos sobre família e trabalho em contextos desiguais: desafios metodológicos.   |

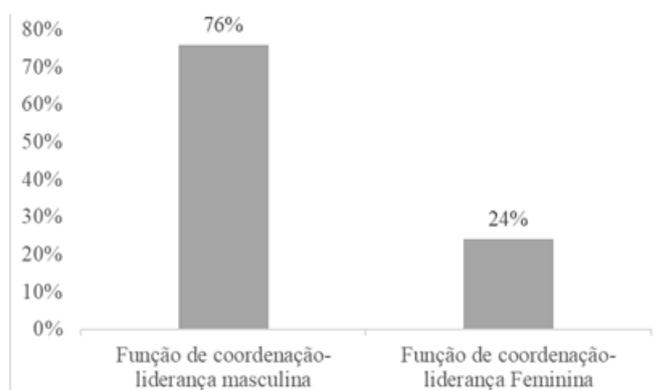
Em 1989, Zélia Brito Fabri Demartini (Fundação Carlos Chagas da UNICAMP), coordenou a Sessão intitulada “Questões metodológicas” e, em 1992, Arabela Campos Ollven (UFRGS), a Sessão “Questões teórico-metodológicas”, ambas no âmbito do GT “Educação e Sociedade”. Em 2001, Neuma Aguiar (UFMG), compartilhou a coordenação do Seminário temático titulado “A contribuição dos métodos quantitativos para a análise de processos de estratificação e mobilidade social no Brasil” com Archibald Haller (UFMG). Em 2004, Maria Suely Kofes (UNICAMP), Mário Antônio Eufrásio (USP) e Jordão Horta Nunes (UFG) coordenaram o Seminário “Constituição de fronteiras nas Ciências Sociais: tensão e extensão no campo metodológico”.

Em 2015, Clarissa Eckert Baeta Neves (UFRGS) assumiu a coordenação do GT “novas configurações do ensino superior na sociedade contemporânea” juntamente com Carlos Benedito Martin (UnB). No mesmo ano, Gabriela Nunes Ferreira (UNIFESP) compartilhou a coordenação do GT “pensamento social no Brasil” com Antônio Herculano Lopes (FCRB). A mulher que mais recentemente assumiu a função de coordenação, de um espaço voltado ao debate sobre metodologia nas reuniões

anuais de ANPOCS, foi Felícia Silva Picanço (UFRJ), no âmbito da Mesa Redonda intitulada “Estudos sobre família e trabalho em contextos desiguais: desafios metodológicos”, no ano de 2016.

Aceitando-se a existência de disputas e concorrência pelas funções acadêmicas de maior escalão, dado o prestígio e a eficácia para a progressividade na carreira (Santos, 2010), cabe questionarmos se a ascensão feminina aos espaços de coordenação estaria correlacionada à ausência de interesse masculino. Se retemos a atenção na temática das atividades coordenadas por mulheres entrevemos peculiaridades que denotam a reprodução, no campo intelectual, de estigmas sexistas na divisão do trabalho. Observe-se que os espaços coordenados por mulheres se dedicaram a temáticas onde a participação feminina é tradicionalmente maior: estudos sobre educação, família e violência conjugal como mostramos no subtítulo anterior. Esse dado diz respeito a estereótipos naturalizados sobre o lugar das mulheres na produção de conhecimento como salienta a literatura de autoria feminina, por nós utilizada neste artigo (Machado, 1994; Haraway, 1995; Sánchez, 1999; Miqueo, 2003; Ferreira, et. al. 2008; Santos, 2010; Smith, 2012; Citeli, 2015; Lima e Costa, 2016; Toste e Candido, 2016; Gentil-Rodrigues, Zandoná e Castro-Guedes, 2018). Neste caso, indicando uma clara demarcação para temas e objetos atrelados as teorias de gênero.

**Gráfico 3. Proporcionalidade feminina e masculina em funções de coordenação-liderança nas reuniões anuais de ANPOCS: 1977 a 2016**



A proporcionalidade no desempenho dessa função, 24% feminina diante de 76% masculina, evidencia a assimetria de gênero e sexismo na outorga da função de coordenação-liderança no âmbito das reuniões anuais da ANPOCS. Essa relação assimétrica também foi evidenciada na participação-



autoria, revelando que a assimetria de gênero perpassa várias dimensões do campo intelectual. Segundo Geraldina Witter (2007), os Anais dos eventos científicos constituem arquivo institucional valioso para a análise histórica do campo disciplinar. Debruçar-se nesse arquivo implica olhar para a história e ao mesmo tempo olhar para o futuro, podendo ser útil para projetar o amanhã. Nesse entendimento, com nossa pesquisa visamos contribuir para visibilizar a existência dessas desigualdades de gênero nossa prática cotidiana irrefletida naturaliza, reifica e reproduz. A relevância dessa preocupação justifica-se pois, conforme Ribeiro et. al. (2017, p. 1093), “uma não desprezível parcela de mulheres participa da comunidade científica” no século 21.

Na sua análise sobre as desvantagens enfrentadas pelas as mulheres nas Ciências Sociais, Verônica Toste e Maria Candido (2016) indicam que, nessa “área altamente competitiva”, no Brasil do ano 2000, 78% das/os detentoras/es de diploma de licenciatura e bacharelado eram mulheres. Ferreira et. al. (2008) enfatizaram que essa qualificação profissional feminina, nas camadas urbanas altas e médias, em nível superior, foi impulsionada pelas políticas educacionais implantadas a partir da década de 1930. No entanto, Toste e Candido (2016) mostram que em 2008, a porcentagem de mulheres doutoras era equivalente a 34% na Ciência Política, 55,6% na Sociologia e 54,5% na Antropologia. Isto é, na medida em que se ascende na formação escolarizada e na carreira acadêmica diminui o percentual de mulheres, fato que alerta para desigualdades de gênero no campo intelectual.

Desse modo, nossa pesquisa adere as contribuições prévias que se preocuparam com a invisibilidade da tímida presença feminina no campo intelectual. Esses estudos buscam legitimar a importância de discutir sobre políticas de equidade de gênero, ANPOCS como Associação Científica que representa as Ciências Sociais brasileiras pode e deve encampar essa agenda. Pois a busca por desnaturalizar as práticas acadêmicas cotidianas que reproduzem o sexismo implica o reconhecimento do débito social, muitas vezes renovado ao interior do próprio campo intelectual. Legitimar as demandas femininas, LGBTI+, negras(os), indígenas, dentre outros sujeitos epistêmicos subalternizados, dentro e fora do campo intelectual constitui não somente um compromisso político com a justiça epistêmica, mas especialmente uma exigência científica.

## Conclusão

“Nunca será possível corrigir padrões de desigualdade sem antes reconhecer que eles existem” (Ribeiro et. al., 2017, p. 1095).

A partir da análise dos Anais das reuniões anuais da ANPOCS, realizadas entre 1972 e 2016, concluímos que o debate sobre metodologia teve duas tendências claramente demarcadas. Assim: i) a década de 1980 se caracterizou pela realização de três Grupos de Trabalho específicos sobre metodologia, nos anos de 1982, 1986 e 1989; ii) nas décadas dos anos 90 e 2000, a reflexão metodológica se transversalisou em sessões específicas dentro de alguns Grupos de Trabalho, Mesas Redondas e Seminários Temáticos. Essa transversalidade ecoa a compreensão atual, relativamente consensual, de que a reflexão sobre metodologia podia jamais dissociar-se dos métodos como não se realiza em abstrato.

Na década de 1980, mediante 22 comunicações e um total de 23 autores sendo dez mulheres, se dinamizaram os debates sobre metodologia nessas reuniões. Nas décadas de 1990 e 2000, se apresentaram 67 comunicações, 29 foram de autoria feminina. As(os) participantes-autoras(es) declararam, na maioria dos casos, vínculos institucionais com diversas universidades brasileiras e instituições estrangeiras, embora em menor proporção, Michigan e CONICET. Esse dado confirma o caráter nacional das reuniões anuais enquanto principais eventos científicos promovidos por ANPOCS.

A análise da proporcionalidade revelou a assimetria feminina tanto na autoria quanto na função de coordenação. A autoria feminina conquistou uma maioria tímida em seis dos anos estudados, apesar de seu caráter pendular não decresceu e alcançou uma média total razoavelmente equilibrada em comparação com a masculina. Vale frisar a compreensão da literatura de autoria feminina de que essa inserção e galgar estes espaços não representa simplesmente um objetivo profissional, mas uma disputa política pela emancipação feminina, pela equidade de gênero e pelo reconhecimento das contribuições femininas à ciência. Essa tomada de consciência se reflete também na consolidação de temáticas com expressiva participação feminina nas reuniões anuais de ANPOCS. Esses movimentos ratificaram a importância de apresentar a polifonia desses embates em sala de aula, desde o início da trajetória formativa das novas gerações.

A desproporção na participação-autoria e na coordenação-liderança femininas observada a partir da análise dos Anais das



reuniões anuais da ANPOCS confirma a prevalência masculina. A aparente equidade de gênero sugerida pela constante, porém tímida participação-autoria feminina nos debates sobre metodologia foi interpretada à luz da “feminização” de algumas temáticas, e alertamos que nessas situações é sabido o desinteresse masculino. Dito de outro modo, nos casos em que a participação-autoria feminina alcance a maioria há que se aventar a possibilidade da inexistência de competição masculina direta. Exemplificam essa compreensão as seguintes dinâmicas: i) GT específico realizado em 1989 a qual esteve marcada pelo caráter feminino, tanto na coordenação quanto na autoria das comunicações apresentadas (Quadro 1); ii) Seminário Temático intitulado “A antropologia e seus métodos: o arquivo, o campo, os problemas” realizado em 2001 (Quadro 3) e iii) Sessão Especial intitulada “Metodologia quantitativa e qualitativa da vitimização” realizada em 2007 (Quadro 5).

A supremacia da participação-autoria feminina em temáticas claramente delimitadas – educação, gênero, mobilidade social, movimentos sociais rurais e violência doméstica e conjugal – alerta para a correlação entre autoria e segmentação sexual do trabalho intelectual e da pesquisa social. Nesse sentido ganha destaque a recomendação de Burawoy (2006), a partir de sua análise da American Sociological Association (ASA). Para o autor, o engajamento político mediante *Associações Científicas demanda os seguintes cuidados*: i) impedir-se de aplinar a diversidade e/ou vozes dissonantes que são inerentes a essas organizações e ii) evitar as armadilhas do cientificismo ao dar as costas para a realidade social em favor do próprio curriculum vitae.

Nossa opção metodológica de nos debruçarmos sobre os Anais da ANPOCS se tornou eficaz para acessar o passado do nosso campo disciplinar e esforçar-nos por revê-lo criticamente. Ao olharmos para a história das reuniões em questão e constatar a assimetria tanto na autoria quanto na função de coordenação conseguimos almejar a equidade futura e projetarmos ações que cabem em nosso cotidiano. Nessa trilha, ao longo destas páginas sugerimos possibilidades de investigação que poderiam ser adiantados futuramente. Dentre as limitações desta pesquisa reconhecemos o recorte temático demarcado pelo debate sobre metodologia e pela abordagem teórico-metodológica circunscrita aos estudos de gênero.

## Referencias bibliográficas

- AGUIAR, Neuma (1978). Conjugação de técnicas. In: NUNES, Edson de Oliveira (1978). *A Aventura Sociológica* (pp. 125-151). Rio de Janeiro: Zahar.
- BIROLI, Flávia (2016). Gênero e política no noticiário das revistas semanais brasileiras: ausências e estereótipos. In *Cadernos Pagu*, Campinas. Nº 34, pp. 269-299.
- BOURDIEU, Pierre (1976). Le champ scientifique. In *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*. Nº 2/3, pp. 88-104.
- BURAWOY, Michael. (2006). Por uma sociologia pública. *Política & Trabalho*, João Pessoa, Nº 25, pp. 9-50.
- CAMPELLO, Beatriz (2000). Encontros científicos. Fontes de informação para pesquisadores e profissionais. In CAMPELLO, Beatriz; KREMER, Jeannette (org.). *Fontes de informação para pesquisadores e profissionais* (pp. 55-72). Belo Horizonte: UFMG.
- CITELI, Maria Teresa (2015) Mulheres nas ciências: mapeando campos de estudo. In *Cadernos Pagu*, Nº 15, pp. 39-75.
- COLGAN, Jeff (2017). Gender bias in International Relations Graduate Education? New evidence from syllabi. In *Political Science and Politics*, Vol. 50, Nº. 2. pp. 456-460.
- FERREIRA, Luiz; AZEVEDO, Nara; GUEDES, Moema; CORTES, Bianca (2008) Institucionalização das ciências, sistema de gênero e produção científica no Brasil. In *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Vol. 15, pp. 43-72.
- GROSGOUEL, Ramón (2016). A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. In *Sociedade e Estado*. Brasília. Vol. 31, Nº 1, pp. 25-49.
- HARAWAY, Donna (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. In *Cadernos Pagu*, Campinas. Nº 5. pp. 07-41.
- KUHLMANN, Moisés (2015). Produtivismo acadêmico, publicação em periódicos e qualidade das pesquisas. In *Cadernos e Pesquisa*. Vol. 45, Nº 158, pp. 838 -855.
- LIMA, Betina; COSTA, Maria (2016) Gênero, ciências e tecnologias: caminhos percorridos e novos desafios. In *Cadernos Pagu*, Campinas, Nº 48. p. 2-39.
- LIMA, Telma; MIOTO, Regina (2007). Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. In *katálysis*, Florianópolis, Vol.



- 10, N° spe, pp. 37-45.
- LOPES, Maria Margaret; SOMBRIO, Mariana Moraes de Oliveira (2017). Apresentação. In *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 49.
- LOPES, Maria (2012). Pesquisa de Comunicação: questões epistemológicas, teóricas e metodológicas. In *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. Vol. 27, p. 13-39.
- MACHADO, Lia Zanotta (1994). Campo intelectual e feminismo: alteridade e subjetividade nos estudos de gênero. In *Série antropológica*, N° 170, pp. 2-28.
- MADEIRA, Carlos (2014). *Conflitos ambientais: uma análise das perspectivas teórico-metodológicas que orientam a produção acadêmica brasileira no período de 1992 a 2012*. Tese de mestrado sem publicar. Universidade federal de Pelotas.
- MIQUEO, Consuelo (2003). Del análisis crítico a la autoridad femenina en la ciencia. In *Feminismo/s*, N° 1, pp. 195-216.
- NUNES, Edson de Oliveira (1978). *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar.
- OLIVEIRA, Ana (2011). *Estudos Sociológicos sobre Infância no Brasil: crianças sem gênero?* Tese de doutorado sem publicar. Universidade Federal de Santa Catarina.
- OLIVEIRA, Lílian; Nicolau, Jairo (2013). A produção da ciência política brasileira: uma análise dos artigos acadêmicos (1966-2013). *Encontro Anual da ANPOCS 37°*. Águas de Lindoia.
- POBLACIÓN, Dinah; NORONHA, Daisy; CURRÁS, Emília (1996). Literatura cinzenta versus literatura branca: transição dos autores das comunicações dos eventos para produtos de artigos. In *Ciência da Informação*, [S.l.], Vol. 25, N° 2.
- QUEIROZ, Maria Isaura (1999). O pesquisador, o problema da pesquisa, a escolha de técnicas: algumas reflexões. In *Textos*, Série 2. N° 3, pp. 13-24.
- RIBEIRO, Loredana et al. (2017). A saia justa da Arqueologia Brasileira: mulheres e feminismos em apuro bibliográfico. In *Estudos Feministas*, Vol. 25, N° 3, pp. 1093-1110.
- RUANO, Elizabeth; SANTOS, Alan (2018). O ensino de metodologia das ciências sociais: motivações e desempenho discente. In *CIAIQ*, Vol. 3, pp. 98-107.
- SÁNCHEZ, Dolores (1999). Androcentrismo en la ciencia. Una perspectiva desde el análisis crítico del discurso. In BARRAL, María José; MAGALLÓN, Carmen; MIQUEO, Consuelo e SÁNCHEZ, María Dolores (1999). *Interacciones ciencia y género: discursos y prácticas científicas de mujeres* (pp. 161-184). Barcelona: Icaria.

- SANTOS, Tania (2010). Ciência e gênero na universidade: considerações sobre a interferência da esfera privada e equidade. In *Revista da ANPG: Ciência, Tecnologia e Políticas Educacionais*, v. 2, pp. 22-34.
- SMITH, Dorothy (2012) *The everyday world as problematic a feminist sociology*. Boston: Northeastern University Press.
- SOMBRIO, Mariana; LOPES, Maria Margaret; VELHO, Lea Maria. (2008). Práticas e disputas em torno do patrimônio científico-cultural: Bertha Lutz no Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil. In *Varia hist.*, Belo Horizonte. Vol. 24, Nº 39, p. 311-327.
- SOUSA, Karina Almeida de (2012). *Raça, identidade e cidadania: uma análise dos trabalhos apresentados na ANPOCS e na ANPED (1988-2003)*. Tese de mestrado sem publicar. Universidade Federal de São Carlos.
- TOSTE, Verônica e CANDIDO, Maria. (2016). A voz da ciência é masculina? Escuta, *Revista de Cultura e Política*. Disponível em [goo.gl/rNPC2M](http://goo.gl/rNPC2M), acesso em 21/02/2018.
- TRINDADE, Hélió (2007) Ciências sociais no Brasil em perspectiva: fundação, consolidação e expansão. In: TRINDADE, Hélió et. al. *As Ciências Sociais na América Latina em Perspectiva Comparada: 1930-2005* (pp. 71-169). Porto Alegre: UFRGS.
- TROTTMANN, Paula (2012). *A produção científica em políticas públicas no Brasil: uma análise sob a ótica de redes sociais*. Tese de mestrado sem publicar. Universidade de São Paulo: EACH-USP.
- WALLERSTEIN, Immanuel (1996). A construção histórica das ciências sociais do século XVIII até 1945. In WALLERSTEIN, Immanuel (1996) *Para abrir as ciências Sociais* (pp. 15-54). São Paulo: Cortez.
- WITTER, Geraldina (2007). Importância das sociedades/ associações científicas: desenvolvimento da ciência e formação do profissional-pesquisador. In *Boletim de psicologia*, Vol. 57, Nº, 126, pp. 1-14.

## Outras referências

- ANPOCS. (s/da). Sobre ANPOCS, recuperado em 13 de outubro de 2017. <http://www.anpocs.com/index.php/universo/institucional/sobre-a-anpocs>
- ANPOCS (s/db). Encontros Anuais em números, recuperado em



15 de novembro de 2017. <http://anpocs.com/index.php/encontros/encontros-anuais-em-numeros>

ANPOCS (s/dc). *Encontros Anteriores*. Recuperado em 26 de outubro de 2017. <http://www.anpocs.com/index.php/encontros/encontros-anteriores>

ANPOCS (2016). *Livro dos nomes da ANPOCS. 1977-2016*. São Paulo: ANPOCS.

ELSEVIER (2017). *Gender in the Global Research Landscape*. Disponível em [encurtador.com.br/qtHMX](http://encurtador.com.br/qtHMX), acesso em 19/02/2019

GENTIL RODRIGUES, Jeorgina; ZANDONÁ, Eugenia, CASTRO GUEDES, Moema (2018). Mesa redonda: a participação feminina na pesquisa em diferentes áreas científicas. *I Simpósio brasileiro sobre maternidade e ciência*. [https://youtu.be/vwde\\_kA9vJM](https://youtu.be/vwde_kA9vJM), acesso em 10/07/2019.

Fecha de recepción: 28 de mayo de 2019

Fecha de aceptación: 26 de junio de 2019



Licencia Creative Commons Atribución-No Comercial-Compartir Igual 4.0 Internacional

